

EXPERIÊNCIA EM ARTE-EDUCAÇÃO: EXPLORANDO DIÁLOGOS ENTRE LINGUAGENS A PARTIR DOS TRABALHOS DE LYGIA CLARK, LYGIA PAPE E HÉLIO OITICICA

ART-EDUCATION EXPERIENCE: EXPLORING DIALOGUES BETWEEN LANGUAGES THROUGH THE WORKS OF LYGIA CLARK, LYGIA PAPE, AND HÉLIO OITICICA

*Tatiane Regielle de Moraes*¹ – UNESP

Resumo

Este relato de experiência arte educativa destaca a importância da experiência sensorial e participativa na arte, utilizando como referência os trabalhos "Diálogo de Mãos" (1966) de Lygia Clark, "Divisor" (1968) de Lygia Pape, e "Parangolés" (1964-1969) de Hélio Oiticica. O objetivo é propor uma aprendizagem mais significativa e participativa em arte, privilegiando a relação entre o corpo e o movimento para que a obra possa acontecer, e enfatizando o diálogo entre as diferentes linguagens artísticas. Utilizamos a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e o conceito de experiência de John Dewey como bases teóricas para o processo, destacando como essas interações entre diferentes formas de arte podem reforçar a ideia de que a experiência e a interação são essenciais para a aprendizagem.

Palavras-chave: linguagens artísticas; experiência sensorial; Lygia Clark; Lygia Pape; Hélio Oiticica.

Abstract

This educational art experience report highlights the importance of sensory and participatory experience in art, using the works "Dialogue of Hands" (1966) by Lygia Clark, "Divider" (1968) by Lygia Pape, and "Parangolés" (1964-1969) by Hélio Oiticica as references. The aim is to propose a more meaningful and participatory learning in art, prioritizing the relationship between the body and movement for the artwork to happen, and emphasizing the dialogue between different artistic languages. We use Ana Mae Barbosa's Triangular Approach and John Dewey's concept of experience as theoretical foundations for the process, highlighting how these interactions between different forms of art can reinforce the idea that experience and interaction are essential for learning.

Keywords: artistic languages; sensory experience; Lygia Clark; Lygia Pape; Hélio Oiticica.

¹ Tatiane Regielle de Moraes - Graduada em Educação Artística (2014) e em Pedagogia (2008) Especialista em Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas pela UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais (2023), Dança e Consciência Corporal (2013), Orientação Educacional (2022) e Arteterapia (02/2024)- <http://lattes.cnpq.br/5352265734736143>

Relato de experiência arte educativa

O presente relato de experiência arte educativa traz como tema a importância da experiência sensorial e participativa na arte a partir dos trabalhos "Diálogo de Mãos" (1966), de Lygia Clark, "Divisor" (1968), de Lygia Pape, e "Parangolés" (1964-1969), de Hélio Oiticica. Esses/as artistas exploravam a interação do público com seus trabalhos, revelando também um diálogo entre as linguagens artísticas.

Com o objetivo de promover uma aprendizagem mais significativa e participativa em arte, exploramos os trabalhos dos respectivos artistas que trabalharam a experimentação e a interação do público com a obra, privilegiando a relação entre o corpo e o movimento para que a obra possa acontecer. Utilizamos a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e o conceito de experiência de John Dewey como bases teóricas para nosso processo.

Para Dewey (2010, p. 109), "a experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo do viver". Dessa forma, os trabalhos que serão aqui apresentados convidam o público a fazer parte da obra, rompendo com os limites entre as linguagens artísticas. Nesse sentido, elementos como ritmo, leveza, simetria e muitos outros podem ser pensados a partir de diferentes linguagens, ampliando as possibilidades de percepção e observação dos/as alunos/as em relação aos materiais com os quais estão trabalhando, aos contextos de produção e às relações que estabelecem uns com os outros, reforçando a ideia de que a experiência e a interação são essenciais para a aprendizagem.

Iniciamos o processo de experiência arte educativa pelo eixo da leitura e contextualização, apresentando a obra das/os artistas a fim de permitir que as/os estudantes apreciassem os trabalhos escolhidos e pudessem refletir sobre eles. Assim, foram levantados questionamentos como: O que vocês veem? Quais materiais vocês identificam? O que esses trabalhos têm em comum? Isso é arte?

Na aula seguinte, para dar prosseguimento ao eixo "contextualizar", fomos ao laboratório de informática para realizar pesquisas sobre a vida e obra desses/as artistas, sobre a qual conversamos após a realização da pesquisa

para trocarmos informações, também foram disponibilizados alguns materiais e livros referente aos artistas.

Após passar pela leitura e contextualização, partimos para o fazer artístico, “[...] essas ações se referem a capacidade de produzir obras artísticas, mas também a capacidade de produzir leituras e relações conceituais, tão importantes para a experiência da Arte e que também integram a concretização de formas artísticas. (BARBOSA; CUNHA, 2010, p. 79). Neste processo, a cada duas aulas, experienciamos a releitura dos respectivos trabalhos dos/as artistas estudados, que será descrito abaixo.

Iniciamos pela experiência de explorar a ideia da obra "Divisor", de Lygia Pape (1968). Levamos um grande pedaço de tecido para uma área ampla e verde da escola, onde os/as estudantes puderam livremente se encaixar nas fendas e mergulhar nessa experiência única. Nessa vivência, os/as alunos/as se moveram individualmente e coletivamente, desencadeando uma onda de movimentos dançados que estabeleceram uma conexão dinâmica e recíproca entre seus corpos e o objeto em si.

Posteriormente, eles sugeriram a repetição da experiência com a adição de um fundo musical, optando por fazê-lo no pátio da escola devido à acústica favorável. Após a segunda vivência, realizamos uma roda de conversa para discutir suas impressões e sensações, explorando as diferenças entre se movimentar com música e sem música. O processo foi registrado em vídeo e fotografia, permitindo que os/as estudantes vissem os resultados e, após, compartilhassem suas reflexões e insights durante a discussão em grupo.

A maioria dos/as alunos/as observou que essas experiências lhes proporcionaram a oportunidade de se sentirem mais seguros e à vontade ao explorar os movimentos de seus corpos, uma vez que não conseguiam enxergar o corpo do colega ao lado, já que estava coberto pelo tecido. Relataram sentir uma sensação de unidade, percebendo que as escolhas e movimentos individuais podiam impactar o grupo, assim como na vida. Dessa forma, iniciar a experiência com "Divisor" foi uma escolha assertiva para seguirmos com as próximas proposições.

Exploramos também a ideia de "Diálogo de Mãos", de Lygia Clark (1966), permitindo que os/as alunos/as vivenciassem essa proposição em duplas, inicialmente na sala de aula e, posteriormente, na quadra da escola. À medida

que iniciavam esse diálogo por meio dos movimentos das mãos que se entrelaçavam, desencadeavam uma série de movimentos que se propagavam por todo o corpo dos participantes.

Testemunhar essa experiência foi fascinante, pois o diálogo das mãos se transformava em uma espécie de dança manual, na qual o resto do corpo se envolvia de forma natural. Os movimentos dos membros superiores convocavam os membros inferiores a se juntarem e, em conjunto com o tronco, traçavam trajetórias pelo espaço, criando uma dança. Buscando novas perspectivas, os/as alunos/as manifestaram o desejo de experimentar essa proposta ao som de diferentes músicas.

Além disso, conceberam um desafio adicional: criar uma fita de Moebius com papel e realizar a proposta, em alusão à experiência de Clark (1966). A dupla que rasgasse a fita era convidada a se sentar, observando os outros participantes enquanto continuavam na proposição. Esse processo se repetiu até que restasse apenas uma dupla no centro de um grande círculo. Ao final da atividade, todos se reuniram em um círculo para compartilhar suas experiências, discutindo as diferenças entre realizar a atividade na sala de aula, em um ambiente externo, com música e sem música, com fitas elásticas e fitas de papel. Foi um momento enriquecedor de reflexão sobre as diversas formas de participar e observar a arte.

Por fim, construímos releituras dos parangolés de Hélio Oiticica (1964-1969), um processo incrivelmente enriquecedor. “A concepção principal de Parangolés era acessar a ideia de estrutura por meio da ação corporal direta do participante e do espectador” (MASP, 2020, p. 41). Assim, cada estudante refletiu sobre o que desejava incorporar em seu próprio parangolé. Organizamos grupos com base na afinidade das temáticas apresentadas, permitindo que eles/as desenvolvessem seus próprios projetos. Para a confecção, utilizamos materiais que os/as alunos/as já tinham em casa, como tecidos, barbantes, linhas, entre outros. Contaram com a ajuda de algumas avós costureiras, que forneceram retalhos e os ensinaram a costurar e puderam compartilhar esse conhecimento com os colegas. Quando os parangolés ficaram prontos, os/as alunos/as tiveram a oportunidade de vesti-los e incorporar as ideias que haviam imaginado inicialmente. Mostraram uma conexão emocional intensa com as criações e experimentaram também incorporar os parangolés com suas músicas preferidas.

Dessa forma, desejavam vestir os parangolés repetidamente e começaram a pedir permissão para experimentar os parangolés dos colegas. Esse comportamento reforçou a ideia de que a arte é uma experiência compartilhada. Esse momento foi marcado por muita diversão, emoção e significado para os/as estudantes, que relataram terem se sentido empoderados/as ao vestir-se e incorporarem seus parangolés.

Ao avaliar todo esse processo de experiência com os/as estudantes, analisando os registros como fotos e vídeos do processo em uma roda de conversa, foi possível refletir sobre como todos/as nós entramos e saímos dessa experiência, sobre como fomos afetados/as e o que muda em nossas relações, conosco, com o outro e com o mundo, além de pensar em outras formas de ver, ler e fazer arte.

Considerações finais

O objetivo desta experiência arte educativa, de promover uma aprendizagem mais significativa e participativa em arte, tendo como tema a importância da experiência sensorial e participativa na arte a partir dos trabalhos de artistas que exploravam a interação do público com suas obras e revelavam um diálogo entre as linguagens artísticas, demonstrou-se efetivo de acordo com as avaliações realizadas junto aos/as estudantes ao final do processo.

Essa experiência, pautada no conceito de experiência de Dewey e apoiada na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, propiciou uma compreensão mais significativa ao trazer o/a estudante como participante ativo/a e ao percorrer as etapas de contextualizar, ler e produzir, colocando a experiência como uma possibilidade de aprendizagem.

É importante, assim, que os/as docentes atuem como mediadores/as e propositores/as, motivando a autonomia e a participação ativa dos/as estudantes, ao invés de limitá-los à condição de meros receptores do conhecimento a ser transmitido. Nos trabalhos de Clark, Pape e Oiticica, é possível perceber que o público sai do lugar de contemplação para integrar a

obra. Quando isso acontece na sala de aula, possibilitamos que o/a estudante amplie sua visão de mundo e sua forma de se inserir nele.

Vivenciar essas experiências com os/as estudantes foi um importante processo de para enriquecer a prática enquanto artista, pesquisadora e professora. “Uma vez que toda experiência é constituída pela interação entre 'sujeito' e 'objeto', entre um eu e seu mundo, ela própria não é meramente física nem meramente mental, por mais que um ou outro desses fatores predomine” (DEWEY, 2010, p. 431). Esse envolvimento direto com o explorar a ideia de Parangolés, Divisores e Diálogo de Mãos não apenas ampliou o repertório dos/as alunos/as, mas também reforçou a importância experiência e interação no processo educativo, consolidando a arte como um meio poderoso de aprendizagem e transformação.

Referências

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernando. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. Cortez Editora, 2010.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Martins Fontes, 2010.

MORAIS, Tatiane Regielle de. **ARTES VISUAIS E DANÇA NO ENSINO DE ARTE**: Um diálogo a partir dos trabalhos de Lygia Clark, Lygia Pape e Hélio Oiticica. Monografia de conclusão de curso. *Especialização em Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas*, Universidade Federal de Minas Gerais UFMG, 2023.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **A dança na minha experiência**. 1. ed. São Paulo: MASP, 2020. 640 p.